Comentários sobre os nomes de plantas e de animais citados em "Os trabalhos e os dias", de Hesíodo

Comments on the plant and animal names mentioned in Hesiod's "Works and days"

Reynaldo Cícero de Toledo

Universidade Santo Amaro. Santo Amaro, São Paulo, Brasil

Resumo: Em "Os trabalhos e os dias", Hesíodo, poeta grego do século VIII a.C., destaca o papel do trabalho honesto na vida das pessoas, defendendo a justiça e aconselhando camponeses quanto ao uso de técnicas aplicadas à fazenda. Ele menciona neste poema as plantas e os animais de maior importância no dia a dia dos homens do campo, associando estes elementos, algumas vezes, ao trabalho, à justiça ou a mudanças de estações. Este artigo objetiva relacionar os fitônimos e zoônimos mencionados nesta obra de Hesíodo, bem como em outras posteriores, de autoria de gregos e de latinos que também citaram esses nomes, visando realizar análise onomatológica. Para isso, incluem-se informações históricas e taxonômicas, além de etimológicas e semânticas relacionadas aos termos considerados, por meio de consulta a dicionários linguísticos e especializados nas áreas biológicas e médicas, bem como a livros e artigos científicos pertinentes ao tema. Além disso, analisam-se sucintamente vários termos correlatos utilizados na literatura científica, com a finalidade de se demonstrar que esses nomes clássicos e os seus derivados continuam a ser empregados na onomatologia científica dos dias atuais.

Palavras-chave: Onomatologia. Nomes clássicos. Fitônimos. Zoônimos. "Os trabalhos e os dias".

Abstract: In his poem "Works and days", the Greek poet Hesiod, who flourished in the 8th Century BC, highlights the role of honest work in people's lives, defends justice, and advises farmers regarding farming techniques. The poet mentions plants and animals of great everyday importance for rural workers, at times associating them to work, justice or changes of the seasons. The purpose of this article is to collect the phytonyms and zoonyms mentioned in Hesiod's poem, and in the writings of later Greek and Latin authors that also cited them, focusing on an onomatological analysis. For that reason, historical and taxonomical information related to the selected terms are included, in addition to etymological and semantic information, gathered from linguistic and specialized dictionaries in the biological and medical areas, as well as from pertinent books and scientific articles. Besides that, various correlating terms used in the scientific literature were succinctly analyzed in order to demonstrate that these classical names and their derived forms continue to be used in scientific onomatology today.

Keywords: Onomatology. Classical names. Phytonyms. Zoonyms. "Works and days".

TOLEDO, R. C., 2018. Comentários sobre os nomes de plantas e de animais citados em "Os trabalhos e os dias", de Hesíodo. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Naturais** 13(1): 25-44.
Autor para correspondência: Reynaldo Cícero de Toledo. Universidade Santo Amaro. Rua Padre José de Anchieta, 903, ap. 51. Santo Amaro, SP, Brasil. CEP 04742-001 (rcd.toledo@gmail.com).
Recebido em 23/10/2017
Aprovado em 28/02/2018
Responsabilidade editorial: Fernando da Silva Carvalho Filho

INTRODUÇÃO

Em meados do século VIII a.C., os gregos praticavam uma economia baseada na agricultura como indústria fundamental. Este século notabilizou-se pela produção de algumas grandes obras da literatura universal atribuídas aos poetas Homero e Hesíodo. Nascido em Ascra, uma região da Beócia, Hesíodo e seu irmão herdaram algumas terras cultiváveis e rebanhos de carneiros, que eram apascentados nas faldas do monte Hélicon. Nesse mesmo local, Hesíodo conta que, ao ser inspirado pelas Musas, passou a dedicar-se à poesia. Em sua obra "Os trabalhos e os dias", ele discute o trabalho e a justiça, tratando de agricultura, economia e navegação, aconselhando os fazendeiros e os navegadores (Rosen, 1990).

No desenvolvimento deste poema, Hesíodo menciona algumas plantas associadas ao dia a dia dos homens do campo, bem como vários animais, relacionando-os, em alguns casos, a conceitos morais ou ao começo ou final de uma estação.

Os poemas de Hesíodo (e, pouco antes dele, os de Homero) são marcos iniciais na linguagem escrita da civilização ocidental (Voultsiadou & Tatolas, 2005). Esses autores usaram em seus poemas vários termos que, acrescidos de muitos outros, foram empregados posteriormente em textos gregos e romanos. Esses nomes clássicos foram usados por naturalistas de séculos subsequentes, sobretudo a partir de meados do século XVIII, com a introdução do sistema binomial lineano. Os nomes utilizados para a designação de organismos incluíram-se em vários grupos. Além dos clássicos, muitos deles foram descritivos; outros, geográficos, sendo que, a vários animais e plantas aplicaram-se também nomes pessoais.

Os nomes são utilizados para identificar e referir substâncias, plantas, animais e pessoas, bem como para discriminar processos, estados e qualidades, relacionados às mais diversas áreas do saber (Flood, 1960, p. VIII). A Onomatologia tem por finalidade estudar os nomes, visando o conhecimento de seu significado, de sua origem e de sua função atual.

Neste trabalho, objetiva-se listar as plantas e os animais mencionados por Hesíodo na obra "Os trabalhos e os dias", a fim de indicar como esses seres foram relacionados a alguns aspectos morais, com o intuito também de ressaltar sua importância no cotidiano dos homens do campo do tempo em que foi produzido o poema. Visa-se também a análise onomatológica de cada planta e animal mencionados pelo poeta e por outros autores gregos e latinos posteriores, que citaram esses nomes em suas obras clássicas. Procura-se enfatizar aspectos mitológicos, etimológicos, semânticos e taxonômicos, assim como mostrar a contribuição desses nomes clássicos para a formação de termos correlatos, acrescidos à terminologia biológica.

MÉTODOS

Para se descrever os fitônimos e zoônimos citados por Hesíodo, foram consultadas as traduções de "Os trabalhos e os dias" feitas por Hugh G. Evelyn-White (Hesíodo, 1914) e por Alessandro Rolim de Moura (Hesíodo, 2012).

Para as informações etimológicas, semânticas e históricas dos termos, foram consultados os seguintes dicionários: língua portuguesa – Cunha (2010), Houaiss & Villar (2009) e Machado (1987); língua latina – Almeida (2008), Glare (2009) e Saraiva (1993); língua grega – Bailly (2000), Chantraine (1983) e Liddell & Scott (1996).

Em razão de estes dicionários linguísticos terem sido compulsados para a análise onomatológica de todos os termos mencionados nas línguas correspondentes, não foram citados no item sobre os Resultados desta pesquisa, sendo, porém, devidamente indicados nas Referências. Alguns dos termos analisados, no entanto, tiveram referências adicionais, necessárias para um melhor esclarecimento etimológico, sendo estas indicadas no texto.

Os termos gregos e latinos foram citados nas obras dos seguintes autores clássicos: Hesíodo (2012, 1914), em "Os trabalhos e os dias" (TD); Aristóteles (2006), em "Historia Animalium" (HA); Dioscórides (1829), em "De Materia Medica" (Mat); Higino (1883), em "Fabulae" (Fab);

Homero (1920, 1919), em "Ilíada" (Il) e "Odisseia" (Od); Horácio (s. d.), em "Carmina" (Carm); Ovídio (s. d.), em "Ars Armatoria" (Ars), "Fasti" (Fast), "Heroides" (H) e "Metamorphoses" (Met); Plínio, o Velho (1906), em "Historia Naturalis" (HN); Teofrasto (1926, 1916), em "De Signis" (Sign) e "Historia Plantarum" (HP); e Virgílio (s. d.), em "Eclogae" (Ecl), "Eneida" (E) e "Georgicon" (G). Para a localização dos termos nas obras consultadas, as referências foram indicadas com a abreviação do título, seguida do livro, do capítulo ou verso e da linha do poema.

As informações referentes aos termos pertinentes às áreas biológica e médica, às lendas, aos mitos e ao histórico relacionados ao tema central foram obtidas por meio de dicionários especializados, livros e artigos científicos.

Os dados obtidos foram analisados considerando-se fundamentalmente etimologia, semântica e aspectos históricos dos nomes relacionados. Vários termos correlatos dos fitônimos e zoônimos mencionados foram também sucintamente indicados. A análise onomatológica foi desenvolvida somente para os nomes centrais mencionados na obra de Hesíodo e de seus derivados, os quais, no entanto, tiveram análise mais sucinta. O significado de alguns dos nomes e termos científicos neoclássicos foram indicados na língua portuguesa, com o auxílio dos dicionários citados.

Para os termos correlatos, procurou-se fazer menção de poucos exemplos, com a finalidade de se mostrar somente a contribuição dos elementos gregos.

RESULTADOS

AS PLANTAS EM "OS TRABALHOS E OS DIAS"

Na Antiguidade Clássica, as plantas eram utilizadas como ornamentais, como fontes de produtos alimentares e como material de construção. Várias delas eram também usadas como medicinais e, certamente, não faltaram as envolvidas com superstições. No poema de Hesíodo, podemos considerar, de um modo geral, as plantas utilizadas para construção, tais como o abeto (do grego **ἐλάτη**, *elátē*); aquelas mais adequadas como componentes do arado – o olmo (do grego **πτελέα**, *pteléa*), o loureiro (do grego **δάφνη**, *dáphnē*), a azinheira (do grego **πρῖνος**, *prînos*) e o carvalho (do grego **δρῦς**, *drŷs*) –; bem como as usadas na alimentação – o carvalho, a alcachofra (do grego **σκόλυμος**, *skólymos*), a férula (do grego **νάρθηξ**, *nárthēx*), a malva (do grego **μαλάχη**, *malachē*) e o asfódelo (do grego **ἀσφόδελος**, *asphódelos*).

Construção

Hesíodo aconselhava ao homem do campo que utilizasse o tipo de madeira mais adequado para cada um dos componentes de um arado. Assim, os timões deveriam ser construídos com a madeira do olmo ou do loureiro, por serem mais resistentes aos caruncho; para os dentes do arado, o melhor tipo indicado era do carvalho; a azinheira deveria ser utilizada para a construção da teiró (Hesíodo, 1914, ll. 414-447), uma peça empregada para cortar a terra. O poeta advertia que o verão não duraria para sempre e, quando Bóreas, o vento do norte, soprasse sobre a terra, suas rajadas fariam gemer as florestas, ocasionando a queda das folhas dos abetos e dos carvalhos (Hesíodo, 1914, ll. 504-535).

Olmo (do grego *pteléa* [TD 435])

As plantas jovens de olmo eram utilizadas para o entrelaçamento de vinhas. Em razão disso, eram consagradas ao deus do vinho, Dioniso. Além disso, como também eram associadas com as sepulturas dos mortos, foram sagradas para Hades, o deus dos infernos. Virgílio, poeta romano do século I a.C., falava a respeito delas: "árvore dos sonhos: nas proximidades da entrada dos infernos, os espíritos dos sonhos repousavam nos ramos de um olmo" (Atsma, 2000-2011, não paginado).

O olmo pertence ao gênero *Ulmus*, de plantas ulmáceas, que inclui espécies distribuídas por regiões do hemisfério norte (Hyam & Pankhurst, 1995, p. 511). Seu nome genérico foi proposto por Lineu (naturalista do século XVIII), em 1753, originando-se do clássico

latino *ŭlmus*, olmo, nome mencionado por Virgílio (s. d., E, 6.283), por Ovídio (s. d., Met, 2.557), poeta romano nascido em c. 43 a.C., e por Plínio, o Velho (1906, HN, 16.40), escritor romano do século I d.C.

O termo ptélea (do grego *pteléa*; do latim *ŭlmus*, olmo) foi mencionado na "Ilíada" (Homero, 1920, 6.419). Os autores gregos Teofrasto (1916, HP, III.XIV.1), filósofo e naturalista nascido por volta de 372 a.C., e Dioscórides (1829, Mat, I.CXII), médico e botânico do século I d.C., o citaram. Alguns termos correlatos que incluem o elemento de composição *ptele* são relacionados a seguir: 1) euptéleas: plantas eupteleáceas do leste asiático; do grego *eu*, verdadeiro, e *pteléa*; 2) ptéleas: plantas rutáceas do gênero *Ptelea*, encontradas na América do Norte e na Europa; o nome genérico, proposto por Lineu, deve ter-lhes sido atribuído em razão da semelhança do fruto dessas plantas com o do olmo; do grego *pteléa* (Hyam & Pankhurst, 1995, p. 414; Stearn, 1992, p. 250); 3) *Pteleobius*: gênero de insetos coleópteros curculionídeos, encontrado em regiões europeias e no Japão (Löbl & Smetana, 2011, p. 208); o nome genérico compõe-se do grego *pteléa* e *bíos*, vida; 4) pteleófagos: insetos que se alimentam de certas plantas, entre as quais o olmeiro; o termo compõe-se do grego *pteléa* e de *phagō*, eu como.

Loureiro (do grego *dáphnē* [TD 435])

Na obra "Teogonia", Hesíodo mencionou que, certa vez, enquanto pastoreava suas ovelhas, as Musas deram-lhe algo maravilhoso: um bastão de loureiro (Morford & Lenardon, 2003, p. 73). O loureiro era consagrado ao deus Apolo. Segundo a mitologia, uma ninfa chamada Dafne, muito amada por Apolo, sendo perseguida pelo deus e, querendo escapar, foi metamorfoseada em loureiro por seu pai, o deus-rio Peneu (Bulfinch, 2006, p. 41). Em Roma, os generais vencedores de batalhas usavam uma coroa de folhas de loureiro na cabeça. Na Grécia antiga, esse ornamento era conferido a poetas, heróis e vencedores de jogos, como símbolo de honra (Yilmaz *et al*., 2013).

O gênero *Laurus* teve nome atribuído por Lineu, em 1753. Essas plantas lauráceas incluem espécies de loureiros encontradas em regiões mediterrâneas (Hyam & Pankhurst, 1995, p. 276; Quattrocchi, 2000, p. 1432).

O loureiro, do grego *daphne*, termo referido na "Odisseia" (Homero, 1919, 9.183), era designado como *laurus* pelos latinos e foi citado por Virgílio (s. d., E, 3.91) e por Plínio (1906, HN, 1.34). Os termos correlatos contendo *dafne* como elemento de composição incluem, entre outros: 1) antidafne: plantas eremolepidáceas encontradas na América do Sul; do grego *antí*, contra, em oposição a, e *dáphnē* (Quattrocchi, 2000, p. 163); 2) dáfnias: crustáceos cladóceros, dulcícolas, vulgarmente denominados de pulgas d'água, em razão de exibirem um modo de natação saltatória, que lembra o salto de uma pulga; do grego *dáphnē*, loureiro, ou de *Dáphnē*, uma ninfa (Jaeger, 1955, p. 76); 3) dafnismo: intoxicação provocada pela dafnina, um composto glicosídico obtido da casca de plantas do gênero *Daphne* (Dorland, 1988, p. 432); do grego *dáphnē* e *ismós*, condição, qualidade (Williams, 2005, p. 106).

Azinheira (do grego *prînos* [TD 436])

No poema "Metamorfoses", Ovídio (s. d.) relata que um ramo verde de azinheira, sendo tocado pelo rei Midas, foi convertido em ouro. Esta planta é mencionada na tradução feita pelo poeta árcade e pré-romântico português Bocage (1765-1805): /O braço (de Midas) estende a uma azinheira não alta,/ Verde ramo lhe extrai, e é ouro o ramo/ (Bocage, 2004, p. 92).

Esta planta citada por Hesíodo pertence à espécie *Quercus ilex* L., uma fagácea de regiões mediterrâneas europeias. Foi Lineu quem atribuiu este nome à espécie, em 1753. O gênero, indicado por *Quercus*, é um nome clássico latino, designativo de carvalho, tendo sido referido no poema de Virgílio (s. d., G, II.16) e no trabalho de Plínio (1906, HN, 16.3). O epíteto específico *ilex*, do latim *ilex*, *ilĭcis*, também um clássico latino citado por Plínio (1906, HN 16.55), designa a azinheira (Hyam & Pankhurst, 1995, p. 419).

O termo grego *prînos* (azinheira, carvalho-verde) foi citado por Teofrasto (1916, HP, III.XVI.1). Seus conexos latinos *īlex* e *prīnus* são ambos designativos de azinheira. Seguem-se alguns correlatos que contêm *prin(o)* como elemento de composição: 1) *Prinobius*: gênero de insetos coleópteros, cerambicídeos, encontrados na Eurásia (Sama, 2004); o nome genérico desses insetos compõe-se dos gregos *prînos* e *bíos*, vida (Jaeger, 1955, p. 207); 2) *Quercus prinoides* Willd.: espécie de plantas fagáceas, nativas da América do Norte (Kenny *et al.*, 2017); o epíteto específico *prinoides* foi-lhe atribuído em razão de sua semelhança com as plantas da espécie *Quercus prinus* L.; esse nome origina-se dos termos gregos *prînos* e *êidos*, forma, aspecto exterior (Gledhill, 2008, p. 314).

Abeto (do grego *élate* [TD, 509])

Na mitologia, o abeto é associado aos deuses Cibele e Dioniso. O jovem Átis foi amado por Cibele e desejou a morte, após emascular-se por infidelidade à deusa. Cibele metamorfoseou-o em abeto prateado. O tirso de Dioniso era provido no ápice por um cone de abeto, que simbolizava o falo do deus do vinho (Atsma, 2000-2011).

Entre as plantas pináceas do gênero *Abies*, incluem-se várias espécies encontradas na América do Norte e na Eurásia. O nome genérico dessas plantas foi proposto pelo botânico inglês Philip Miller (1691-1771), em 1754. Esse nome é clássico e origina-se do termo latino *abĭēs*, que significa abeto (Quattrocchi, 2000, p. 3).

O abeto (do grego *elátē*; do latim *elatē*; *abĭēs*) foi mencionado na "Ilíada" (Homero, 1920, 5.560) e na "Odisseia" (Homero, 1919, 5.269). Plínio (1906, HN, 1.28) referiu o termo *elatē* como abeto ou pinheiro manso. Entre os termos correlatos que contêm *elate* e *elatin* como elementos de composição, incluem-se: 1) élate: planta arecácea encontrada na Índia e no Sri Lanka, também conhecida por fênix; 2) elatinas: plantas elatináceas nativas da Eurásia; do grego *elatínē*, do abeto; 3) elatinoide: termo formado pelo grego *elatínē*, de abeto, e *êidos*, semelhança (que se assemelha à elatina) (Gledhill, 2008 p. 151; Quattrocchi, 2000, p. 884, 885).

Alimentação

Hesíodo relata em seu poema que a terra fornece os alimentos para os homens que cuidam dos campos. Nas montanhas, os carvalhos carregam as bolotas em suas copas (Hesíodo, 1914, ll. 225-237). No verão, os escólimos florescem e a cigarra canta estridentemente (Hesíodo, 1914, ll. 582-596).

O poeta conta que o Titã Prometeu roubou o fogo dos céus e ocultou-o na haste oca de uma férula, entregando-o aos homens. Zeus, enfurecido, ordenou aos deuses que amoldassem um ente que seria uma desgraça para o Titã e para todos os homens. Assim foi criada Pandora, a primeira mulher (Hesíodo, 1914, ll. 42-82).

Perses, o irmão de Hesíodo, foi sempre alvo de suas admoestações. Logo após a herança de seu pai ter sido dividida entre eles, Perses apoderou-se de alguns bens a mais. O poeta chamou os subornados de tolos, que desconhecem o quanto a metade é maior do que o todo, dizendo que ignoram a vantagem da malva e do asfódelo. Alguns autores compararam estas plantas ao pão e ao queijo que as pessoas pobres utilizavam como alimentos (Hesíodo, 1914, ll. 25-41, 2012, p. 63).

Carvalho (do grego *drŷs*, *dryós* [TD 436])

As dríades eram as ninfas das florestas associadas às árvores e tinham a incumbência de protegê-las, punindo quem as injuriasse. Elas eram coroadas com folhas de carvalho e costumavam dançar em volta dessas árvores sagradas (Commelin, 2008, p. 147), cujas bolotas eram usadas na alimentação dos pobres (Dalby, 2003, p. 2).

O carvalho, citado por Hesíodo, pertence à espécie *Quercus robur* L., na qual incluem-se plantas fagáceas encontradas na Eurásia e na América do Norte (Hyam & Pankhurst, 1995, p. 420). Lineu descreveu essa espécie em 1753. O nome genérico, também atribuído por ele, provém do nome latino *quercus*, designativo do carvalho comum ou

do carvalho-roble, mencionado nas obras de vários autores clássicos, entre os quais o poeta romano do século I a.C., Horácio (s. d., Carm, III.23.10), além de Ovídio (s. d., Met, 13.779) e de Plínio (1906, HN, 16.3). O epíteto específico origina-se do termo latino *rōbur*, nome também aplicado ao carvalho e que, em sentido figurado, significa força, resistência.

O termo grego *drŷs*, carvalho, foi citado por Dioscórides (1829, Mat, I.CXLII) e seus nomes equivalentes latinos são *quercus* e *rōbur*. Há vários termos correlatos que contêm os elementos de composição *drŷs* e *dryós*, incluindo-se: 1) drióbatas: aves picídeas encontradas na América do Norte; de *dryós* e *batēs*, que anda (Jobling, 2010, p. 140); 2) driófis: nome vernacular de serpentes colubrídeas arborícolas, encontradas na região zoogeográfica Oriental e no Novo Mundo; no continente americano, estas serpentes incluem-se no gênero *Oxybelis*, com seus representantes distribuídos por regiões tropicais e subtropicais (Savage, 2002, p. 675); o termo driófis compõe-se de *drŷs* e de *óphis*, serpente; 3) driopitecos: primatas hominídeos extintos, que viveram na África entre 20 e 5,3 milhões de anos atrás (Lawrence, 2008, p. 189); do grego *dryós* e *píthēkos*, macaco.

Alcachofra (do grego *skólymos* [TD 582])

Eratóstenes de Cirene (astrônomo e poeta grego, nascido em 276 a.C.) conta que o escólimo foi servido como alimento por Icário e sua filha Erígone a seu visitante anônimo, Dioniso (Dalby, 2003, p. 161).

A planta referida por Hesíodo pertence à espécie *Scolymus hispanicus* L., uma asterácea encontrada na Europa (Hyam & Pankhurst, 1995, p. 455). Os representantes desta espécie têm sido empregados em culinária e em medicina desde a época de Teofrasto. Lineu atribuiu o nome científico dessa planta em 1753. Seu nome genérico, *Scolymus*, também atribuído por Lineu, origina-se do grego *skólymos*, um nome clássico utilizado para designar um tipo de cardo; o epíteto específico provém do termo latino *hispānĭcus*, hispânico, relativo à Hispânia, que, na Antiguidade, era uma província do Império Romano; hoje, o termo tem o sentido de relativo à Espanha, espanhol.

O escólimo (do grego *skólymos*, alcachofra) foi mencionado por Teofrasto (1916, HP, VI.IV.3). Seu conexo latino *scolymus* refere-se a um tipo de cardo cujas raízes eram comestíveis. Entre os termos correlatos que contêm o elemento de composição escolim(o), *skolymo*, destacam-se os seguintes: 1) escólimo: planta asterácea do gênero *Scolymus*; 2) *scolymus*: epíteto específico da planta asterácea *Cynara scolymus* L., a alcachofra (Hyam & Pankhurst, 1995, p. 141).

Férula (do grego *nárthēx*, *nárthekos* [TD 52])

Nas corridas de festivais consagrados a Prometeu, os gregos utilizavam tochas construídas de hastes de férulas (Atsma, 2000-2011).

As plantas do gênero *Ferula*, descrito por Lineu em 1753, pertencem às apiáceas e são encontradas desde em regiões mediterrâneas orientais até a Ásia central. Neste gênero, há várias espécies utilizadas na culinária e na medicina. *Ferula* também significa bastão: os romanos os usavam como bengalas, como talas e para castigos corporais. Os herbalistas utilizavam essas plantas como contraceptivo e afrodisíaco, denominando-as de sílfio [*silphium*] (Totelin, 2015).

O termo férula (do grego *nárthēx*, *nárthēkos*; do latim *nārthēx*, *narthecis*, férula, caixinha) foi mencionado por Teofrasto (1916, HP, VI.I.4). Plínio (1906, HN, 5.32) citou o termo *ferŭla* com o sentido de canafrecha, férula, uma planta de haste longa e delgada; significa também palmatória, um instrumento usado para castigar crianças e escravos. Entre os termos correlatos, podem ser exemplificados: 1) nartécia ou nartécio: plantas do gênero *Narthecium*, encontradas na Eurásia e na América do Norte; do grego *nárthēx* (Hyam & Pankhurst, 1995, p. 336); 2) nartecina: composto hepatotóxico que ocorre em plantas da espécie *Narthecium ossifragum* (L.) Huds. (Darlington, 2005-2017).

Malva (do grego *malachē* [TD 41])

Na culinária romana, a malva era utilizada como um dos ingredientes de condimentos para peixes. Há relatos de que elas eram plantadas nas sepulturas dos antigos

(Folkard, 1884, p. 425), acreditando-se que pudessem servir de alimentos aos mortos. Isidoro de Sevilha (erudito e eclesiástico espanhol, nascido por volta de 560 d.C.), referindo-se a esta planta, admitia que o suco dela podia ser preparado para se evitar picadas de abelhas (Barney *et al*., 2006, p. 355).

As malvas são plantas malváceas do gênero *Malva*, no qual são incluídas espécies com distribuição em regiões temperadas, subtropicais e tropicais da Eurásia e da África (Hyam & Pankhurst, 1995, p. 306). O nome genérico (do latim *malva*, malva) é clássico e foi atribuído por Lineu, em 1753.

Este termo foi referido por Teofrasto (1916, HP, VII.VII.2). Plínio (1906, HN, 28.53) mencionou seu conexo latino. Entre os correlatos em que o termo *malachē* entra como elemento de composição, incluem-se: 1) *Malachiomimus*: gênero de insetos coleópteros malaquiídeos, encontrados na Espanha (Iberfauna, 2008), nome que se compõe do gênero *Malachius* e do grego *mímos*, imitador, farsante; 2) maláquios: insetos coleópteros malaquiídeos do gênero *Malachius* (Jaeger, 1955, p. 148), encontrados na Europa e nos Estados Unidos, do grego *malakhios*, de *malakhe*, referindo-se ao fato de eles apresentarem a cor verde, a cor da malva.

Asfódelo (do grego *asphódelos* [TD 41])

Conforme relato presente na obra "Odisseia" (Homero, 1919, 11.539), os asfódelos eram plantas das pradarias infernais; os pobres utilizavam seus bulbos e raízes como alimento (Theil & Hallez-D'Arros, 1841, p. 96). Eles eram também plantados em túmulos e, conforme a lenda, serviam de alimento aos mortos (Thiselton-Dyer, 1889, p. 73). Segundo uma superstição, se essa planta fosse pendurada na entrada de uma habitação, afastaria as coisas ruins desse local (Barney *et al*., 2006, p. 354). Os asfódelos eram, portanto, considerados plantas apotropaicas (do grego *apotrópaios*, que afasta as desgraças; que desvia os males).

Os asfódelos são plantas asfodeláceas que pertencem ao gênero *Asphodelus* e encontram-se distribuídas desde a região mediterrânea até o Himalaia. O nome clássico foi utilizado como nome genérico dessas plantas por Lineu, em 1753 (Hyam & Pankhurst, 1995, p. 44; Quattrocchi, 2000, p. 215).

Este termo foi citado por Teofrasto (1916, HP, VII. IX.4) e por Dioscórides (1829, Mat, II.CXCIX). Seu conexo latino *asphodĕlus* foi mencionado por Plínio (1906, HN, 21.66). O elemento de composição *asfodel* (*asphodel*) encontra-se em alguns termos correlatos. Tais são os casos de: 1) asfodeláceo: que pertence às plantas asfodeláceas; do grego *asphódelos* e do latim *acĕus*, sufixo indicativo de 'que pertence a'; 2) asfodelina: composto de ação antimicrobiana, isolado da planta *Asphodelus microcarpus* Viv. (El-Seedi, 2007); este termo é também indicativo de um gênero de plantas (*Asphodeline*) asfodeláceas, encontradas em regiões mediterrâneas, o qual se origina do grego *asphódelos*; o composto químico tem seu nome formado pelos termos gregos *asphódelos* e *ina*, sufixo indicativo de composto orgânico (Hyam & Pankhurst, 1995, p. 44; Quattrocchi, 2000, p. 215); 3) asfodelino: feito de asfódelo; do latim *asphodĕlus* e *īnus*, feito de, que pertence a.

OS ANIMAIS EM "OS TRABALHOS E OS DIAS"

Os zoônimos usados por Hesíodo em sua obra referem-se a animais observados na jornada de trabalho do camponês de sua época. Assim, o autor destaca o papel dos bois para a aradura; as cabras e os carneiros são mencionados pela sua importância na alimentação; aves e cigarras, pelo seu canto anunciador de mudanças de estações. Hesíodo enaltece o trabalho, relacionando-o às atividades das abelhas, e execra o ócio, comparando-o ao comportamento dos zangãos.

Trabalho

Nos campos, os bois e as mulas trabalham infatigavelmente (Hesíodo, 1914, ll. 42-53). Hesíodo ensina ao camponês como atrelar a teiró aos bois (Hesíodo, 1914, ll. 414-447). Ao comparar os dias, menciona os que são bons para o

trabalho dos homens, os mais adequados para a tosquia das ovelhas e para a colheita dos frutos, lembrando que, com a brisa oscilante do duodécimo dia, as aranhas também trabalham, tecendo suas teias (Hesíodo, 1914, ll. 770-779).

Advertindo seu irmão Perses, Hesíodo lembra que os deuses e os homens se zangam com quem vive no ócio, porquanto essas pessoas assemelham-se, em caráter, aos machos ociosos das laboriosas abelhas; os zangãos consomem o trabalho de suas fêmeas, alimentando-se sem trabalhar (Hesíodo, 1914, ll. 293-319).

Hesíodo recomenda que o camponês cuide bem de seu cão porque o animal evitará que o alimento de seu dono seja roubado. No dia favorável para o nascimento de uma menina, devem-se amansar com o toque das mãos as ovelhas, os bois chifrudos de andar vacilante e os cães e mulos (Hesíodo, 1914, ll. 792-799, 2012, p. 141).

O poeta comenta os castigos infligidos pelos deuses aos que não cumprem corretamente suas determinações, entre as quais: não se lavar com caldeirões não consagrados; ao construir sua casa, não a deixar mal desbastada, pois uma gralha gritadora nela poderá alojar-se e crocitar (Hesíodo, 1914, ll. 746-749, 2012, p. 135).

Boi (do grego ***βοῦς***, *boûs, boós* [TD 607])

Os gregos antigos ofereciam bois como prêmios aos vencedores dos jogos (Lonsdale, 1979). Na mitologia grega, o gigante Gerião, um monstro tricéfalo, possuía um grande rebanho de bois vermelhos, sendo uma das tarefas de Héracles apossar-se desse rebanho (Brandão, 1991, p. 525). A rainha Pasífae, de Creta, uniu-se a um touro, gerando o minotauro. Este ente monstruoso, que possuía cabeça de touro e corpo de homem, foi morto por Teseu (Houtzager, 2004, p. 197).

Os bois pertencem ao gênero *Bos*, de mamíferos bovídeos. O nome genérico desses animais foi atribuído por Lineu, em 1758. O termo *Bos* é clássico, proveniente do latim *bos*, *bovis*, boi (Gotch, 1995, p. 639).

O boi (do grego ***βοῦς***, *boûs, boós;* do latim *bos*, *bovis*) foi citado por Aristóteles (2006, HA, 488a), filósofo e naturalista do século IV a.C. Seu conexo latino foi mencionado por Plínio (1906, HN, 8.77). Entre os vários termos correlatos que possuem *boûs* como elemento de composição, podemos citar: 1) boófilo: carrapato vetor de patógenos em gado bovino; do grego *boûs* e *phílos*, amigo; 2) bosélafo: tipo de antílope encontrado na Índia; do grego *boûs* e *élaphos*, cervo (Gotch, 1995, p. 641); 3) buftalmia: aumento do volume do globo ocular; do grego *boûs* e *ophthalmós*, olho (Stedman, 1979, p. 198).

Aranha (do grego ***ἀράχνη***, *aráchnē* [TD 777])

Aracne era uma jovem extremamente hábil no ato de tecer. No entanto, ela desafiou a deusa Atena para uma disputa, com a finalidade de se saber qual das duas teceria melhor uma tapeçaria. A deusa ofendeu-se com o desafio e metamorfoseou a jovem em aranha (do grego ***ἀράχνη***, *aráchnē*) (Schmidt, 2000, p. 21).

Isidoro de Sevilha referiu-se às aranhas como animais que estão sempre trabalhando na tecedura de suas teias. Esse autor mencionou também o termo *arānĕa*, referindo-se a um tipo de peixe, o peixe-aranha (Barney *et al*., 2006, p. 260).

As aranhas são artrópodes terrestres, aracnídeos que pertencem à ordem Araneae, nome proposto pelo entomologista sueco Carl Alexander Clerck (1709-1765), em 1757 (Bugguide, 2004-2017), proveniente do termo clássico latino *arānĕa*, com o significado de aranha.

O termo grego *aráchnēs*, aranha, foi citado por Aristóteles (2006, HA, 529b); seu equivalente latino *arānĕus*, *arānĕa*, foi mencionado por Plínio (1906, HN, 9.81). Vários termos correlatos contêm a raiz *arakhn* (aracn), incluindo-se: 1) Arachnida: a classe dos aracnídeos, artrópodes representados principalmente pelas aranhas e pelos escorpiões; do grego *aráchnē* e do latim *ida*, sufixo indicativo de algumas ordens em animais (Williams, 2005, p. 100); 2) aracnodactilia: condição patológica caracterizada por comprimento anormal e por delgadez dos dedos das mãos e dos pés; o termo origina-se do grego *aráchnē*, *dáktylos*, dedo, e *ía*, sufixo indicativo de condição; em

razão disso, essa condição é também conhecida por dedos-de-aranha (Polisuk & Goldfeld, 1988, p. 45); 3) aracnofobia: temor doentio de aranhas; dos termos gregos *aráchnē*, *phóbos*, temor, medo, e *ía* (Dorland, 1988, p. 118); 4) *Myrmarachne*: gênero de aracnídeos salticídeos encontrados em regiões quentes, desde a África até a Austrália, além de regiões tropicais do Novo Mundo; estas aranhas saltadoras são mirmecomorfas, pois possuem formas semelhantes às de formigas (Yamasaki & Edwards, 2013); o termo genérico origina-se do grego *myrmēx*, *mýrmos*, formiga, e *aráchnē*.

Mulo (do grego ***ἡμίονος***, *hēmíonos* [TD 46])

Os mulos foram mencionados no trabalho de Isidoro de Sevilha como um dos três tipos de equinos: um deles era o cavalo; o outro, o asno; o terceiro era o mulo, um animal híbrido, por ser originado de duas espécies diferentes (Barney *et al*., 2006, p. 250).

Na Ásia, encontram-se equídeos da espécie *Equus hemionus* Pallas, 1775, vulgarmente conhecidos como onagros. O nome genérico *Equus* foi atribuído por Lineu, em 1758, e origina-se do termo clássico latino *equus*, designativo de cavalo. O nome da espécie foi atribuído pelo zoólogo e botânico alemão Peter Simon Pallas (1741-1811), em 1775 (Kaczensky *et al*., 2015). O nome específico *hemionus* provém do grego *hēmíonos*, mulo, mula.

Descendente do cruzamento de jumento com égua, o mulo (do grego *hēmíonos*) foi mencionado por Homero na "Ilíada" (1920, 23.266) e também por Aristóteles (2006, HA, 580b). O termo latino conexo *mūlus*, *mūla*, mulo, mula, foi citado por Plínio (1906, HN, 7.32). Alguns dos termos correlatos em que se encontra o elemento de composição *hemion* são indicados a seguir: 1) hemionite: planta pteridófita encontrada em regiões tropicais da Ásia e da América; o termo *hēmionîtis* já existia em grego com o sentido de "do mulo ou para o mulo"; Dioscórides (1829, Mat, III.CXXXV) o referiu com o significado de feto-mula (mule-fern), a planta *Scolopendrium hemionitis* (L.) Lag., D. García & Clemente, a qual era considerada estéril, por isso as mulheres usavam-na como elemento para encanto com fins de evitar a gravidez (Hyam & Pankhurst, 1995, p. 235; Stearn, 1992, p. 163); 2) hemíono: equídeo de regiões desérticas asiáticas.

Abelha (do grego ***Μέλισσα***, *melissa* [TD 233])

Em certas culturas, a abelha foi considerada como um inseto sagrado. Várias deusas, incluindo-se Ártemis e Afrodite, foram associadas a esse tipo de inseto.

Elas são himenópteros, apídeos, que pertencem ao gênero *Apis* e incluem-se na espécie *Apis mellifera* Linnaeus, 1758 (ITIS, 2017). O nome genérico *Apis* é clássico e o nome específico origina-se do latim *mellifĕra*, que produz mel, melífera.

O termo abelha foi mencionado por Homero (1919), na "Odisseia" (13.106), e por Aristóteles (2006, HA, 487a); *kēphēn*, o zangão, também foi referido por Aristóteles (2006, HA, 553a). O equivalente latino de *melissa* é *apis*, citado por Ovídio (s. d., Met, 13.928); o conexo latino de *kēphēn* é *fucus*, zangão, e foi referido por Plínio (1906, HN, 1.60). Entre os vários termos correlatos que contêm *melissa* em sua composição, incluem-se: 1) melissa: planta lamiácea do gênero *Melissa*, nativa da Eurásia; o nome genérico deve-se ao fato de suas flores produzirem um néctar que atrai as abelhas (Hyam & Pankhurst, 1995, p. 316); 2) melissófilo: que gosta de abelhas, que gosta de mel; de *mélissa* e *philos*, amigo, querido; 3) melissofobia: temor patológico a picadas de abelhas; do grego *mélissa*; *phóbos*, temor, medo, e *ía* (Williams, 2005, p. 122, 156).

Cão (do grego ***κύων***, *kýōn*, *kynós* [TD 604])

Na "Odisseia" (Homero, 1919, 17.290), o cão foi referido no momento em que Odisseu, disfarçado de mendigo, reencontrou Argos, seu cão, que, reconhecendo o dono, balançou a cauda e logo em seguida caiu morto, pois esperava apenas o regresso de seu senhor, que retornara ao lar depois de 20 anos (Brandão, 1991, p. 115). Outra figura canina da mitologia era Cérbero, um cão tricéfalo, cuja cauda era uma serpente. Era o cão

de guarda de Hades. Héracles tinha a incumbência de dominar Cérbero, sem o uso de armas, devendo levá-lo até Euristeu, o rei de Argos. Após subjugar o monstruoso cão, Héracles o levou até Euristeu, cumprindo, assim, mais um de seus trabalhos (Brandão, 1991, p. 202; Schmidt, 2000, p. 41).

Na vida diária dos romanos, os cães participavam de várias atividades: além da proteção do lar e dos rebanhos de carneiros, eram também usados para a caça. Os cães estavam associados aos deuses romanos, Marte e Diana (Lazenby, 1949).

Os cães domésticos são mamíferos canídeos que pertencem à subespécie *Canis lupus familiaris* Linnaeus, 1758. A espécie foi descrita por Lineu, em 1758, com o nome de *Canis familiaris*. Os nomes genérico e específico são clássicos e originam-se dos termos latinos *canis*, cão, e *lŭpus*, lobo. O nome subespecífico latino *familiāris* significa 'da família', doméstico (Gotch, 1995, p. 585).

O cão foi mencionado por Aristóteles (2006, HA, 488a), que atribuiu também ao termo o significado de um peixe marinho do tipo esqualo, o peixe-cão (Aristóteles, 2006, HA, 566a); o termo conexo latino *canis* foi referido por Virgílio (s. d., Ecl, 8.28) e por Ovídio (s. d., H, 5.20). Há diversos termos correlatos que incluem *kyon* (cino) como elemento de composição: 1) cinantropia: condição patológica em que o paciente se considera um cão ou exibe um comportamento semelhante ao desse animal; do grego *kýōn* e *ánthrōpos*, homem (Dorland, 1988, p. 420); 2) cinocéfalo: que tem cabeça de cão; nome vernacular de mamíferos dermópteros, encontrados no sudeste asiático, também conhecidos como colugos (Allaby, 2009, p. 175). Esse nome compõe-se do grego *kýōn* e *kephalḗ*, cabeça; 3) cinoglossa, cinoglosso: planta boraginácea encontrada em regiões temperadas e quentes; compõe-se do grego *kýōn*, *kynos* e *glôssa*, língua, com referência ao fato de suas folhas apresentarem-se em formas de tiras granulosas (Hyam & Pankhurst, 1995, p. 141); 4) cinomose: tipo de virose canina; o nome compõe-se do grego *kýōn* e *ōsis*, condição, doença; 5) cinorexia: condição de fome canina; voracidade; cinorrexia; o termo compõe-se do grego *kýōn* e *órexis*, desejo de, apetite (Polisuk & Goldfeld, 1988, p. 83).

Gralha (do grego **κορώνη**, *korṓnē* [TD 747])

A mãe de Esculápio (Asclépio), deus da medicina, chamava-se Corônis, cujo significado é gralha. Segundo uma versão da mitologia, Esculápio nasceu de um ovo de gralha (Commelin, 2008, p. 176).

Esses bichos são aves corvídeas da espécie *Corvus cornix* Linnaeus, 1758, encontradas na Eurásia. O nome genérico provém do clássico latino *cŏrvus*, corvo; seu nome específico, também latino, origina-se de *cornīx*, gralha (Gotch, 1995, p. 456).

O termo gralha foi referido por Homero (1919), na "Odisseia" (5.66), e também por Aristóteles (2006, HA, 563b) e por Teofrasto (1926, Sign, 16), com o significado de uma ave marinha. O termo latino equivalente (*cornīx*) foi mencionado por Plínio (1906, HN, 10.16). Diversos termos correlatos, incluindo o elemento de composição *corone* (*korṓnē*), podem ser citados: 1) coronoide: que possui forma semelhante ao bico de uma gralha; do grego *korṓnē*, qualquer objeto curvo, e *êidos*, aspecto, forma [Dorland, 1988, p. 383]); 2) *coronopus*: epíteto específico da espécie de plantas plantagináceas *Plantago coronopus* L., as quais são nativas da Eurásia; o epíteto, atribuído por Lineu em 1753, compõe-se do grego *korṓnē* e *poús*, *podós*, pé (Gledhill, 2008, p. 122; Hyam & Pankhurst, 1995, p. 398); 3) *Corvus corone* Linnaeus, 1758: o termo *korṓnē* é aplicado como nome específico nesta espécie de aves corvídeas, encontradas na Europa Ocidental; o nome do gênero origina-se de *cŏrvus*, corvo, e o nome específico de *korṓnē* (Gotch, 1995, p. 456).

Justiça

Advertindo seu irmão para que ouvisse a justiça, Hesíodo lembra que Zeus concedeu esta lei aos homens, mas os seres que não a têm, tais como os peixes, as feras e as aves aladas, devoram-se uns aos outros (Hesíodo, 1914, ll. 274-285).

O poeta conta uma fábula para os príncipes, segundo a qual um falcão, com suas garras curvas e perfurantes, apresava um rouxinol, cujos gritos de dor em nada sensibilizavam seu predador. O falcão, desdenhosamente, o chamava de "coisa miserável" (Hesíodo, 1914, ll. 202-211), perguntando porque chorava justo agora que estava sendo levado até as altas nuvens por alguém superior. Esse alguém, dizia-lhe o falcão, poderia fazer dele a sua refeição ou então libertá-lo (Hesíodo, 2012, p. 83).

Peixes (do grego *ἰχθῦς*, *ichthýs*, *icthýos* [TD 277])

Conta-se que Afrodite e Eros, seu filho, quando vieram para a Síria, defrontaram-se com Tifão e, para escaparem dessa monstruosa criatura, lançaram-se às águas do rio Eufrates, metamorfoseando-se em peixes (Atsma, 2000-2017a).

Isidoro de Sevilha relata que os tipos de peixes tiveram seus nomes dados conforme as semelhanças com animais terrestres. Assim, tem-se, entre outros: o peixe que morde (peixe-cão); o que produz um som semelhante ao crocitar de um corvo (corvina); o que possui a sua parte anterior assemelhando-se a um cavalo (cavalo-marinho) (Barney *et al*., 2006, p. 260).

Os peixes são vertebrados aquáticos, representados por espécies cartilaginosas (tubarões e raias) e ósseas (enguias, salmões) (Allaby, 2009, p. 488). Em taxonomia, o nome deste grupo de vertebrados foi atribuído por Lineu, em 1758, como Pisces (uma das classes de vertebrados).

Este termo foi citado por Homero (1920, 1919), na "Ilíada" (21.122) e na "Odisseia" (5.53), e também por Aristóteles (2006, HA, 486a); seu conexo latino *piscis*, peixe, foi referido por Ovídio (s. d., Ars, 3.270) e por Plínio (1906, HN, 9.83). Entre os inúmeros termos correlatos que incluem *icti* (*ichthýs*) como elemento de composição, podemos exemplificar os seguintes: 1) ictiofagia: hábito de se alimentar de peixes; do grego *ichthýs*, *phagō*, que come, e *ía*, condição; 2) ictiose: afecção cutânea caracterizada pela presença de uma epiderme córnea e escamosa, semelhante à dos peixes; do grego *ichthýs* e *ōsis*, condição, doença (Polisuk & Goldfeld, 1988, p. 196); 3) osteícte: espécime de peixe da classe Osteichthyes, que engloba todos os peixes ósseos, tais como robalos e tilápias; do grego *ostéon*, osso, e *ichthýs* (Hickman *et al*., 2009, p. 304).

Falcão (do grego *ἱέραξ*, *hiérax*, *hiérakos* [TD 212])

Na mitologia grega, a feiticeira Circe estava associada ao falcão. Segundo alguns autores, seu nome grego *Kírkē* era derivado de *kírkos*, um tipo de falcão (Brandão, 1991, p. 220). Na obra de Antoninus Liberalis ("Metamorphoses", 1992), gramático grego que viveu por volta de 147 d.C., há um relato em que um homem bom, de nome Hierax, auxiliou um povo fornecendo-lhe alimentos. Este povo tivera suas terras devastadas por não ter oferecido sacrifícios a Posídon. O deus dos mares, enraivecido com a atitude de Hierax, metamorfoseou-o em falcão, animal detestado pelas outras aves (Celoria, 1992, p. 51).

Isidoro de Sevilha mencionou o falcão como uma ave que agarra as outras ardentemente, sendo, por isso, raptora (que toma ou leva à força; que rouba) ou accípiter (Barney *et al*., 2006, p. 268).

Os falcões são aves de rapina, falconídeas, do gênero *Falco*, distribuídas por quase todo o planeta. Lineu atribuiu o nome genérico dessas aves em 1758. Esse nome é clássico e provém do latim *falco*, *falconis*, falcão, o que possui os pés recurvados, como garras (do latim *falx*, foice) (Gotch, 1995, p. 236).

O termo grego *hierax* foi mencionado por Homero (1920), na "Ilíada" (13.62), e também por Aristóteles (2006, HA, 506b); o seu conexo latino é *falco*, ave de rapina, que foi referido por Virgílio (s. d., E, 10.146). Entre os termos correlatos que contêm o elemento de composição *hiérax*, incluem-se: 1) hierácia: planta asterácea do gênero *Hieracium*, encontrada em regiões temperadas e tropicais montanhosas (Hyam & Pankhurst, 1995, p. 239). O nome genérico é clássico e provém do grego *hierakion*, falcão, mencionado por Dioscórides (1829, Mat, III.LXXII), referindo-se a um tipo de planta. Plínio (1906, HN, 20.60) citou o termo *hieracium* para designar um tipo de alface

selvagem e também como um colírio (Quattrocchi, 2000, p. 1229). Segundo uma lenda, os falcões, ao pressentirem que iam perder a visão, a fim de recuperá-la, imergiam os olhos no suco dessa planta (Crabb, 1851, p. 435); 2) hieracocéfalo: que possui cabeça de falcão; do grego *hiérax* e *kephalḗ*, cabeça; 3) *Microhierax*: gênero de aves falconídeas de pequeno porte (falconetes), encontradas no sudeste da Ásia; seu nome genérico compõe-se do grego *mikrós*, pequeno, e *hiérax* (Gotch, 1995, p. 236).

Rouxinol (do grego *ἀηδών*, *aēdōn*, *aēdonos* [TD 203])

Procne e Filomela eram as filhas do rei Pandíon, de Atenas. Tendo-se casado com Tereu, o rei da Trácia, Procne, depois de alguns anos, quis ver a sua irmã. Tereu foi, então, buscá-la, mas, não resistindo a seus encantos, violentou-a e escondeu-a. De volta à casa, contou à esposa que a irmã havia morrido. Procne, porém, ficou sabendo do que ocorrera e conseguiu libertar Filomela. Como vingança contra seu marido, ela matou o seu filho. Tereu, enfurecido, perseguiu as duas irmãs, mas, antes de alcançá-las, os deuses metamorfosearam os três: Filomela em rouxinol, Procne em andorinha e Tereu em gavião (Commelin, 2008, p. 250).

O rouxinol é referido por Isidoro de Sevilha por seu nome latino *luscinĭa*. Este autor ressalta que esse termo se associa a seu canto, indicativo do início do nascer do Sol. O nome é derivado do latim *lux*, *lucis*, luz, sol (Barney *et al*., 2006, p. 266).

Os rouxinois comuns são pequenas aves muscicapídeas da espécie *Luscinia megarhynchos* (Brehm, 1831), distribuídas pelo Velho Mundo, a qual foi descrita pelo ornitólogo alemão Christian Ludwig Brehm (1787-1864), em 1831 (Farber, 1982, p. 31). O nome genérico foi atribuído pelo naturalista inglês Thomas Forster (1789-1860), em 1817 (Peterson, 1999). Esse nome origina-se do termo clássico latino *luscinĭa*, designativo de rouxinol. O nome específico *megarhynchos* compõe-se do grego *mégas*, grande, e *rhynkhos*, bico.

Conforme a "Odisseia" (Homero, 1919, 19.518), o rouxinol (do grego *aēdōn*) associa-se ao mito de Aédona, a filha de Pandareu que acabou matando por engano o próprio filho e, no seu lamento, pediu a Zeus que a transformasse em rouxinol para cantar sua dor (Schmidt, 2000, p. 5). O termo conexo latino (*luscinĭus*) foi citado por Plínio (1906, HN, 10.59) e por Higino (1883, Fab, 45.19), escritor romano, que viveu entre 67 a.C. e 17 d.C. Alguns nomes de espécies de animais incluem o termo *aedon* como nome específico, tais como: 1) *Tipula aedon* Alexander, 1947: espécie de insetos dípteros, cecidomiídeos, encontrados na Venezuela; seu nome genérico *Tipula* origina-se do latim *tippŭla*, aranha-de-água; tipo de inseto aquático (Jaeger, 1955, p. 266; GBIF Secretariat, 2017); 2) *Troglodytes aedon* (Vieillot, 1809): espécie de aves trogloditídeas, encontradas no continente americano; seu nome genérico origina-se do grego *trōglodýtēs*, que vive em cavernas; de *trṓglē*, caverna, e *dýtēs*, escavador, mergulhador (Gotch, 1995, p. 384).

Alimentação

Hesíodo relata que, para o homem que pratica a verdadeira justiça, a terra propicia alimentos em abundância; nas montanhas, os carvalhos fornecem suas bolotas e abrigam as abelhas. Os carneiros levam velocinos repletos de lã (Hesíodo, 1914, ll. 225-237). Comparando os dias do mês, destaca os que são bons para os trabalhos com a terra e os mais adequados para a tosquia das ovelhas. Indica também o mais favorável para a castração do javali e dos bois de altos mugidos (Hesíodo, 1914, ll. 790-791).

O poeta comenta que no verão é bom usufruir de uma rocha sombreada, de um vinho de Bíblis e do leite mungido de cabras. Ao término dessa estação, as rajadas penetrantes do vento Bóreas farão as feras tremer, até mesmo as que têm o corpo coberto de pelo. Só o tosão das ovelhas, com sua lã abundante, evitará sua penetração (Hesíodo, 1914, ll. 504-515, 2012, p. 115).

Carneiro (do grego *ὄϊς*, *ŏïs* [TD 234])

Os caçadores e os pastores tinham a proteção de Pã. Este deus dos bosques e dos campos zelava pela fertilidade dos rebanhos de cabras e de carneiros. Na "Odisseia", Homero (1919) conta que o ciclope Polifemo aprisionou

Odisseu e seus companheiros na caverna onde vivia. Esse gigante antropófago, depois de apascentar seu rebanho de carneiros, retornava para sua caverna com os animais. Devido à sua astúcia, o rei de Ítaca conseguiu escapar de Polifemo depois de embriagá-lo e de cegá-lo. Assim que o gigante abriu a caverna para a saída de seus carneiros, Odisseu e seus companheiros fugiram, amarrando-se sob o corpo dos animais (Brandão, 1992, p. 475).

Conforme a mitologia, Jasão deveria apoderar-se do velocino de ouro. Este herói grego embarcou com os Argonautas para a Cólquida em busca do tosão e foi bem-sucedido em seu intento, com a ajuda da princesa Medeia e sob a proteção da deusa Hera (Houtzager, 2004, p. 154).

Os carneiros e as ovelhas são mamíferos bovídeos, da espécie *Ovis aries* Linnaeus, 1758, domesticados e criados em todos os continentes do globo (Gotch, 1995, p. 652). O nome genérico *Ovis* é um clássico latino que significa carneiro, ovelha; o nome específico *aries* também tem o significado de carneiro.

O termo carneiro foi mencionado por Homero (1920, 1919), na "Ilíada" (24.125) e na "Odisseia" (4.764). Seu termo conexo latino é *ovis*, carneiro, ovelha, citado por Ovídio (s. d., Fast, 1.588) e por Plínio (1906, HN, 30.148). Entre os termos correlatos que contêm *ois* como elemento de composição, incluem-se: 1) *Oioceros*: gênero de mamíferos bovídeos, extintos, cujos fósseis foram encontrados na Eurásia e na África (Chen, 1988). O nome genérico compõe-se do grego *ŏïs* e *kéras*, corno, chifre; 2) *Pseudois*: gênero de mamíferos bovídeos, encontrados na China e no Himalaia. O nome genérico desses bovídeos compõe-se do grego *pseudés*, falso, e *ois*, com referência ao fato de que algumas características anatômicas desses animais, tais como a forma dos chifres e o tipo de cauda, tornam-nos mais semelhantes a caprinos do que a ovinos (Gotch, 1995, p. 652).

Javali (do grego **κάπρος**, *kápros* [TD 790])

Na Arcádia, um javali gigantesco que vivia no alto do monte Erimanto, devastava as terras cultivadas dessa região. O rei Euristeu incumbiu Héracles de capturá-lo vivo. Este herói conseguiu aprisionar e apoderar-se dessa criatura, completando, assim, mais um de seus doze trabalhos (Commelin, 2008, p. 219).

Os javalis, também conhecidos como porcos selvagens, são mamíferos suídeos, nativos da Eurásia, mas encontrados em outras regiões, inclusive no Brasil. Eles serviam, eventualmente, como alimento para os gregos antigos (Day, 2001, p. 70). O nome científico da espécie (*Sus scrofa* Linnaeus, 1758) foi atribuído por Lineu, em 1758. Seu nome genérico é clássico e origina-se do latim *sūs*, porco; o nome específico, também de origem latina, *scrōfa*, significa porca (Gotch, 1995, p. 629).

O termo javali, porco selvagem, foi referido na "Ilíada" (Homero, 1920, 17.725). Aristóteles (2006, HA, 505a) mencionou esse termo como um tipo de peixe marinho; seu conexo latino *aper*, *aprī,* porco selvagem, javali, foi citado por Plínio (1906, HN, 11.160) e por Ovídio (s. d., Met, 4.723). São exemplos de termos correlatos que incluem o elemento de composição *capro*: 1) *Capromys*: gênero de mamíferos roedores, capromiídeos, encontrados em Cuba. Esse nome genérico compõe-se do grego *kápros*, e *mys*, rato, camundongo, pelo fato de se assemelhar aos javalis em algumas características, tais como cor, pelagem e modo de correr (Gotch, 1995, p. 565); 2) *Percina caprodes* (Rafinesque, 1818): espécie de peixes percídeos, dulcícolas, encontrados nos Estados Unidos e no Canadá (NatureServe, 2013). Seu nome genérico origina-se do latim *percina*, pequena perca; seu nome específico provém do grego *kápros* e *ōdēs*, sufixo indicativo de semelhança; semelhante aos peixes do gênero *Capros* (Brown, 1956, p. 413).

Cabra (do grego **αἴξ**, *aíx*, *aigós* [TD 585])

Na "Odisseia", Homero (1919) mencionou o rebanho de carneiros e de cabras do ciclope Polifemo (Lonsdale, 1979). Isidoro de Sevilha caracterizou o bode como um animal lascivo e sempre pronto para o acasalamento. Os bodes selvagens vivem em locais montanhosos altos e escarpados, onde mantêm-se protegidos, pois não são vistos pelos humanos (Barney *et al*., 2006, p. 247).

As cabras e os bodes são mamíferos bovídeos que pertencem à subespécie *Capra aegagrus hircus* (Linnaeus, 1758). A espécie foi descrita por Lineu, em 1758, com o nome de *Capra hircus*. O nome genérico *Capra* é clássico, provindo do latim *capra*, cabra; o nome específico origina-se do grego *aigagros*, cabra selvagem; de *aíx, aigós*, cabra, bode, e *ágrios*, selvagem; o nome *hircus* do trinômio subespecífico provém do latim *hircus*, bode (Brown, 1956, p. 371; Gotch, 1995, p. 650).

O termo cabra foi mencionado por Aristóteles (2006, HA, 488a), que o empregou para designar uma ave aquática semelhante ao ganso; seu conexo latino *capra* foi citado por Ovídio (s. d., Fast, 3.443) e por Plínio (1906, HN, 11.151). O termo latino *caper* significa bode. Plínio (1906, HN, 11.51) também mencionou o termo como um tipo de peixe. De vários correlatos em que se incluem *aíx*, *aigós* (ego) como elementos de composição, podemos exemplificar os seguintes: 1) egofagia: prática de comer carne de cabra; do grego *aigophágos*, que se alimenta de cabras; do grego *aíx*, *aigós* e *phagō*, eu como; egófago; 2) egofonia: som semelhante ao balido de uma cabra, revelado na auscultação de indivíduos acometidos por derrames pleuríticos; do grego *aíx*, *aigós*; *phōné*, voz, e *ía*, sufixo indicativo de condição, estado (Stedman, 1979, p. 433); 3) egopódio: planta apiácea do gênero *Aegopodium*, encontrada em regiões temperadas da Eurásia; do grego *aíx*, *aigós* e *poús*, *podós*, pé; podagrária (Hyam & Pankhurst, 1995, p. 9).

Estações

Hesíodo relata que o verão é marcado pelo florescimento do escólimo e pelo estridular da cigarra, que, pousando em uma árvore, produz continuamente seu canto ruidoso (Hesíodo, 2012, p. 121). O poeta ensina que o camponês poderá arar a terra mais tarde, quando o cuco cantar pela primeira vez (Hesíodo, 1914, ll. 479-492). Assim que ouvir a voz do grou que garrula ano após ano do alto das nuvens, saberá que este é o sinal para a aradura, indicando a estação do inverno chuvoso (Hesíodo, 1914, ll. 448-457).

Hesíodo menciona os cuidados que o camponês deve ter no mês invernoso, duro para os animais e para os homens. Logo depois de completados sessenta dias invernais após o solstício, a lamentosa andorinha aparecerá bem no início da primavera. Então, antes que ela venha, é melhor podar as videiras (Hesíodo, 1914, ll. 54-570).

Cigarra (do grego *τέττιξ*, *téttix*, *téttigos* [TD 582])

Consagrada a Apolo, a cigarra tinha seu canto adorado pelos gregos. Conforme a mitologia, Êunomo era tocador de cítara; quando estava cantando e tocando em uma competição, uma das cordas de seu instrumento rompeu-se; uma cigarra, porém, substituiu com seu canto a nota da corda rompida, propiciando a vitória a Êunomo. Na mitologia, a cigarra tem simbolizado a ressurreição e a imortalidade (Egan, 2017).

As cigarras são insetos hemípteros cicadídeos, que se incluem em vários gêneros. Um deles é *Cicada*, cujos representantes encontram-se distribuídos pelo Velho Mundo. O nome genérico foi atribuído a esses insetos por Lineu, em 1758 (ITIS, 2011).

O termo cigarra foi mencionado por Aristóteles (2006, HA, 532b); seu conexo latino *cicada* foi citado por Ovídio (s. d., Ars, 1.271) e por Plínio (1906, HN, 11.92). Alguns termos correlatos em que *téttix* entra como elemento de composição são exemplificados a seguir: 1) *Circotettix*: gênero de insetos ortópteros, acridídeos, encontrados nos Estados Unidos e no Canadá (Bugguide, 2003-2017). O nome genérico compõe-se do grego *kírkos*, círculo, anel, um tipo de falcão, e *téttix*; 2) *Paratettix*: gênero de insetos ortópteros, tetigídeos, encontrados na Índia e nos Estados Unidos; estes insetos são vulgarmente conhecidos por gafanhotos pigmeus; do grego *pará*, ao lado de, e *téttix* (Yong & Perez-Gelabert, 2014); 3) tetigoniídeos: família de insetos ortópteros distribuídos por quase todos os continentes; neste grupo, incluem-se os insetos vulgarmente denominados de esperanças. O nome da família deriva do termo genérico *Tettigonia*, originado do grego *tettigonion*, pequena

cigarra (Allaby, 2009, p. 629); 4) *Tettigomyces*: gênero de fungos Ascomycota, parasitas de insetos ortópteros; são encontrados na África e na região indo-malaia (Thaxter, 1915); esse nome genérico compõe-se do grego *téttix*, *téttigos* e *mykēs*, fungo (Williams, 2005, p. 129).

Cuco (do grego **κόκκυξ**, *kókkyx*, *kókkygos* [TD 486])

Conforme a mitologia, Zeus apareceu para Hera metamorfoseado como um cuco congelado. Hera apiedou-se da ave e, para aquecê-la, colocou-a junto a seus seios; imediatamente, o pássaro voltou à forma humana de Zeus, que violentou Hera. A fim de que a deusa não vivesse em vergonha, Zeus insistiu para que ela fosse sua esposa (Atsma, 2000-2017b).

Os cucos são encontrados no Velho Mundo. Estas aves cuculídeas incluem-se no gênero *Cuculus*, no qual há diversas espécies migratórias e parasitas de ninhos de outras aves. O nome genérico *Cuculus* foi atribuído por Lineu, em 1758 (Gotch, 1995, p. 294).

O termo cuco refere-se ao pássaro e também indica um tipo de peixe marinho mencionado por Aristóteles (2006, HA, 535b). Admitia-se que esse peixe era capaz de produzir um som semelhante ao da ave. Os termos conexos latinos de *kókkyx* são *coccȳx*, *coccȳgis e cucūlus*, que foram mencionados por Plínio (1906, HN, 28.156). Dos vários termos correlatos que contêm esse elemento de composição, podemos indicar os seguintes: 1) coccicefalia: deformidade anatômica em que a cabeça se assemelha a um bico; do grego *kókkyx* e *kephalḗ*, cabeça; 2) coccigodinia: dor no osso cóccix; do grego *kókkyx* e *odynē*, dor (Dorland, 1988, p. 352); 3) cóccix: osso da porção terminal da coluna vertebral, formado pela fusão de quatro vértebras. O termo provém do grego *kókkyx* e foi provavelmente aplicado ao osso por Herófilo (c. 335- c. 280 a.C.), médico grego que deve ter associado a forma do osso à do bico do cuco (Taylor, 2017, p. 46); 4) *Geococcyx*: gênero de aves cuculiformes, cuculídeas, encontradas nas Américas do Norte e Central; estas aves, embora sejam capazes de voar, preferem passar boa parte do tempo no chão, vivendo em regiões de deserto; do grego *gê*, terra, e *kókkyx* (Gotch, 1995, p. 295).

Grou (do grego **γέρανος**, *géranos* [TD 448])

Ave consagrada ao deus Apolo, o grou representava o arauto da primavera e da luz. Os pigmeus, um povo de anões que vivia nas fontes do rio Nilo ou na Índia, precisavam usar armas para defender seus campos de cereais contra essas aves, que migravam para suas terras na estação do inverno (Bulfinch, 2006, p. 174).

Há muitas lendas relacionadas aos grous. Uma delas refere-se a Palamedes, um herói da guerra de Troia que inventou diversas letras do alfabeto grego a partir de observações das formações dessas aves, desenvolvidas durante seu voo. Por isso, são, algumas vezes, denominadas de 'aves de Palamedes' (Johnsgard, 1983).

Os grous são aves gruídeas, encontradas na Eurásia e na América do Norte. O grou-comum pertence à espécie *Grus grus* (Linnaeus, 1758), descrita por Lineu, em 1758, com o nome original de *Ardea grus*. O nome atual dessa espécie é um tautônimo (do grego *tautó*, o mesmo, e *ónoma,* nome), com o termo latino *grūs* aplicado aos nomes genérico e específico. O nome genérico *Ardea*, utilizado como nome original, provém do latim *ardea*, garça (Gotch, 1995, p. 253; Jobling, 2010, p. 179).

O termo grou foi referido por Homero (1920), na "Ilíada" (3.3), e por Aristóteles (2006, HA, 488a); o termo latino conexo é *grūs*, *grŭis*, o grou, uma ave grande. Ovídio (s. d., Met, 6.92) e Plínio (1906, HN, 10.58) mencionaram o termo latino. Vários termos correlatos possuem *geranos* como elemento de composição, incluindo-se os seguintes: 1) gerânio: planta herbácea ou arbustiva de regiões temperadas e tropicais; seu nome vulgar, entre outros, é bico-de-grou; seu nome é derivado do grego *geránion*, de *géranos*, pela semelhança de seu carpelo com o bico de um grou (Stearn, 1992, p. 150); 2) *Geranoaetus*: gênero de aves accipitrídeas, encontradas em regiões neotropicais (Lepage, 2018); o nome genérico compõe-se do grego *géranos* e *aetós*, águia; 3) *Geranomyia*: gênero de insetos dípteros,

Limoniidae, encontrados nas regiões Neotropical, Paleártica e Afrotropical (Lantsov, 2015); o nome genérico compõe-se do grego *géranos* e *myīa*, mosca.

Andorinha (do grego ***χελιδών***, *chelidṓn* [TD 568])

Segundo a mitologia, a andorinha é um pássaro consagrado à deusa Afrodite e também aos deuses guardiões dos lares (deuses domésticos). Usualmente, essa ave construía seu ninho no telhado das casas (Newell, 1845, p. 102). Isidoro de Sevilha refere-se à andorinha como um pássaro que elabora muito bem os seus ninhos, cuidando zelosamente dos filhotes. O hirundo, além disso, é dotado de certa intuição, pois abandona os telhados que vão cair (Barney *et al*., 2006, p. 268).

As andorinhas são aves hirundinídeas, do gênero *Hirundo*, incluindo espécies cujos representantes encontram-se, fundamentalmente, no Velho Mundo (Gotch, 1995, p. 369). O nome genérico destes pássaros foi atribuído por Lineu, em 1758, sendo um termo clássico, originando-se do latim *hirundō*, andorinha.

Este termo foi referido por Homero (1919), na "Odisseia" (21.411). Aristóteles (2006, HA, 535b) o mencionou como andorinha do mar, um tipo de peixe voador. O conexo latino *hirundō* é nome atribuído a certos pássaros, incluindo-se as andorinhas e alguns tipos de martins. Esse termo foi também citado por Virgílio (s. d., G, 1.377) e por Plínio (1906, HN, 10.93). Há vários termos correlatos que incluem o elemento de composição *chelidṓn*, entre os quais podem ser citados: 1) quelidônias: plantas papaveráceas, encontradas na Eurásia e na América do Norte; esse nome origina-se do latim *chelīdonĭa*, a planta celidônia; do grego *chelidṓn*, em alusão ao aparecimento das andorinhas, coincidindo com a época de floração da planta (Hyam & Pankhurst, 1995, p. 104); 2) quelidonina: composto de natureza alcaloide extraído da planta quelidônia (*Chelidonium majus* L.); ele inibe a atividade da colinesterase, enzima envolvida com a decomposição de acetilcolina (Cahlíková *et al*., 2010); do latim *chelīdonĭa*, a planta, e *ínus*; do grego *inos*, ina, que pertence a, sufixo indicativo de substância química (Flood, 1960, p. 88); 3) quelidonomorfa: ave do grupo das andorinhas ou que se assemelha a elas; do grego *chelidṓn* e *morphé*, forma, aspecto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo de toda a narrativa do poema didático "Os trabalhos e os dias", Hesíodo aconselha o camponês sobre práticas de agricultura de seu cotidiano e comenta a respeito de religião e de família. O poeta mescla mitos e fábulas com preceitos morais, enaltece o trabalho honesto e reprova, com veemência, o ócio, a discórdia, os juízes injustos e a usura.

Várias plantas e animais mencionados no poema de Hesíodo foram de grande importância na vida do homem do campo, uma vez que compunham itens de sua alimentação diária. Além disso, foram, em geral, associados a alguns aspectos das virtudes e dos defeitos citados neste artigo. Assim, a azinheira, o olmo e o loureiro eram fundamentais para a construção de peças do arado, um elemento importante do trabalho do camponês. A férula foi usada para ocultar o fogo dos céus, roubado por Prometeu.

Hesíodo refere-se à justiça quando conta uma fábula cujos protagonistas são um falcão e um rouxinol; os peixes e as feras, segundo o poeta, não vivem conforme as regras de moralidade seguidas pelos humanos, pois devoram-se uns aos outros (Roman & Roman, 2010, p. 518). Nos campos, o trabalho incessante dos bois, dos mulos e das abelhas contrasta com a preguiça dos zangãos. Os carneiros e as cabras fornecem carne e leite; o cão protege o dono e o seu alimento contra ladrões; as cigarras, as andorinhas e os grous, com seu canto, anunciam as mudanças de estações (Rosen, 1990).

Os fitônimos e zoônimos que constam de "Os trabalhos e os dias" constituem uma pequena amostra entre os muitos outros que foram tratados nas obras de vários autores gregos e romanos da Antiguidade. De um modo geral, deve-se salientar que o conhecimento dos nomes tem importância não somente para linguistas,

mas também para estudiosos de outros ramos do saber, incluindo-se historiadores, geógrafos, biólogos e médicos. O estudo dos nomes clássicos leva a uma melhor compreensão da história da língua, assim como resgata as tradições históricas e culturais de um povo. Em uma apreciação sucinta deste trabalho, pode-se ressaltar que vários desses nomes, citados no poema de Hesíodo, tais como *aráchnē*, *boûs*, *drŷs*, *ichthýs*, *kýōn* e *melissa* contribuíram com um grande número de derivados para a terminologia científica, em particular, a biológica. Esses termos vieram a constituir os nomes clássicos utilizados pelos naturalistas e cientistas para denominações de vegetais, de animais e de outros organismos. Os termos apreciados onomatologicamente neste trabalho foram, em sua maioria, empregados pelo próprio Lineu. Vários autores utilizaram outros termos e seus derivados, aumentando, assim, o acervo da terminologia biológica, sobretudo a partir do século XVIII.

Ao se analisar a nomenclatura da atualidade, uma conclusão final a que se pode chegar é a de que, embora qualquer língua e dialeto atuais estejam contribuindo para a criação de nomes científicos, as línguas clássicas, em virtude de conterem o maior número de elementos de composição da terminologia científica, ainda se mantêm como a fonte mais prolífica de termos biológicos dos dias atuais.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Fernando Dominguez Gonzalez, professor da Faculdade de Medicina da Universidade Santo Amaro, pelas apreciações e sugestões, bem como pelo auxílio na revisão deste artigo.

REFERÊNCIAS

ALLABY, M. (Ed.), 2009. **A dictionary of zoology**: 3. ed. Oxford University Press, Oxford.

ALMEIDA, A. R. (Coord.), 2008. **Dicionário de latim-português**: 3. ed. Porto Editora, Porto.

ANTONINUS LIBERALIS, 1992. **Metamorphoses**. Translation with a commentary Celoria, F. Routledge, London.

ARISTÓTELES, 2006. **História dos animais**. Livros I-VI. Tradução do grego de Maria de Fátima Sousa e Silva. Revisão de Paula Lobo. Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa.

ATSMA, A. J., 2000-2011. Flora 1. Plants of Greek myth. **Theoi Project**. Disponível em: <http://www.theoi.com/Flora1.html>. Acesso em: 22 abril 2017.

ATSMA, A. J., 2000-2017a. **Aphrodite Miths 1**. Theoi Project, Netherlands & New Zealand. Disponível em: <http://www.theoi.com/Olympios/AphroditeMyths.html>. Acesso em: 18 julho 2017.

ATSMA, A. J., 2000-2017b. **Hera Myths**. Theoi Project, Netherlands & New Zealand. Disponível em: <http://www.theoi.com/Olympios/HeraMyths.html#Seduction>. Acesso em: 19 julho 2017.

BAILLY, A., 2000. **Dictionnaire grec-français**. Hachette, Paris.

BARNEY, S. A., W. J. LEWIS, J. A. BEACH & O. BERGHOF, 2006 (Ed.). **The *Etymologies* of Isidore de Seville**. Cambridge University Press, Cambridge.

BOCAGE, M. M. B. (Trad.), 2004. **Ovídio**. Metamorfoses. Martin Claret, São Paulo.

BRANDÃO, J. S., 1991. **Dicionário mítico-etimológico da mitologia grega**: v. I. Vozes, Petrópolis.

BRANDÃO, J. S., 1992. **Dicionário mítico-etimológico da mitologia grega**: v. II. Vozes, Petrópolis.

BROWN, R. W., 1956. **Composition of scientific words**. Smithsonian Institution Press, Washington.

BUGGUIDE, 2003-2017. Genus *Circotettix*. **Bugguide**. Disponível em: <http://bugguide.net/node/view/124776>. Acesso em: 13 agosto 2017.

BUGGUIDE, 2004-2017. Order Araneae. **Bugguide**. Disponível em: <http://bugguide.net/node/view/1954>. Acesso em: 28 março 2018.

BULFINCH, T., 2006. **O livro da mitologia**. Histórias de deuses e heróis: a idade da fábula. Martin Claret, São Paulo.

CAHLÍKOVÁ, L., L. OPLETAL, M. KURFÜRST, K. MACÁKOVÁ, A. KULHÁNKOVÁ & A. HOSTÁLKOVÁ, 2010. Acetylcholinesterase and butyrylcholinesterase inhibitory compounds from *Chelidonium Majus* (Papaveraceae). **Natural Products Communication** 5(11): 1751-1754.

CELORIA, F., 1992. **The metamorphoses of Antoninus Liberalis**: a translation with a commentary. Routledge, London.

CHANTRAINE, P., 1983. **Dictionnaire etymologique de la langue grecque**. Histoire des mots. Klincksieck, Paris.

CHEN, G., 1988. The phylogenetic status of *Oioceros* from the early to middle Miocene of China. **Vertebrata PalAsiatica** 26(3): 157-172.

COMMELIN, P., 2008. **Mitologia grega e romana**. Martins Fontes, São Paulo.

CRABB, G., 1851. **A technical dictionary**. Or a dictionary explaining the terms used in all arts and science. W. Maxwell, Bell Yard, Lincoln's Inn, London.

CUNHA, A. G., 2010. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**: 4. ed. Lexikon, Rio de Janeiro.

DALBY, A., 2003. **Food in the ancient world from A to Z**. Routledge, London.

DARLINGTON, R. W., 2005-2017. Wild flowers. Wild flower finder. **Bog Asphodel**. Disponível em: <http://www.wildflowerfinder.org.uk/Flowers/A/Asphodel(Bog)/Asphodel(Bog).htm>. Acesso em: 26 março 2017.

DAY, N., 2001. **Your travel guide to ancient Greece**. Lerner Publications, Minneapolis.

DIOSCÓRIDES, 1829. **Pedanii Dioscoridis anazerbei de materia medica libri quinque**: ad fidem cadicum manuscriptorum. Cnobloch, C. (Carl), Leipzig. Disponível em: <https://archive.org/details/b23982500_0001>. Acesso em: 20 fevereiro 2018.

DORLAND, W. A N., 1988. **Dorland's illustrated medical dictionary**: 27. ed. W. B. Saunders, Philadelphia.

EGAN, R. B., 2017. Cicadas in Ancient Greece. **Ventures in Classical Tettigology**. Disponível em: <https://www.insects.orkin.com/ced/issue-3/cicadas-in-ancient-greece/>. Acesso em: 16 julho 2017.

EL-SEEDI, H. R., 2007. Antimicrobials arylcoumarins from *Asphodelus microcarpus*. **Journal of Natural Products** 70(1): 118-120. DOI: <http://dx.doi.org/10.1021/np060444u>.

FARBER, P. L., 1982. **The emergence of ornithology as a scientific discipline**: 1760-1850. D. Reidel Publishing Company, Dordrecht.

FLOOD, W. E., 1960. **Scientific words**. Their structure and meaning. Oldbourne, London.

FOLKARD, R., 1884. **Plant lore, legends, and lyrics**. Embracing the myths, traditions, superstitions and folk-lore of the plant kingdom. R. Folkard and Son, London.

GBIF SECRETARIAT, 2017. *Tipula aedon* Alexander. **GBIF Backbone Taxonomy**. Checklist Dataset. Disponível em: <https://doi.org/10.15468/39omei>. Acesso em: 26 julho 2017.

GLARE, P. G. W. (Ed.)., 2009. **Oxford latin dictionary**. Oxford University Press, Oxford.

GLEDHILL, D., 2008. **The names of plants**: 4. ed. Cambridge University Press, Cambridge.

GOTCH, A. F., 1995. **Latin names explained**. A guide to the scientific classification of reptiles, birds & mammals. Facts on File, New York.

HESÍODO, 1914. **Hesiod**: Works and days. Tradução de Hugh G. Evelyn-White. Disponível em: <www.sacred-texts.com/cla/hesiod/works.htm>. Acesso em: 25 novembro 2016.

HESÍODO, 2012. **Os trabalhos e os dias/Hesíodo**. Edição, tradução, introdução e notas: Alessandro Rolim de Moura. Segesta (Raízes do pensamento econômico, 2), Curitiba. Disponível em: <www.segestaeditora.com.br/download/ostrabalhoseosdias.pdf>. Acesso em: 4 agosto 2017.

HICKMAN, C. P., L. S. ROBERTS, S. L. KEEN, A. LARSON & D. J. EISENHOUR, 2009. **Animal diversity**: 5. ed. McGraw-Hill, Boston.

HIGINO, 1883. **Hygini Fabulae**. Editado por Mauricius Schmidt. Harvard College Library, USA. Disponível em: <https://archive.org/details/hyginifabulae00hygigoog>. Acesso em: 21 fevereiro 2018.

HOMERO, 1919. **The Odyssey**. English Translation by A.T. Murray in two volumes. Harvard University Press/William Heinemann Ltd., Cambridge/London. Disponível em: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus:text:1999.01.0135>. Acesso em: 20 fevereiro 2018.

HOMERO, 1920. **Homeri Opera in five volumes**. Oxford University Press, Oxford. Disponível em: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus:text:1999.01.0133>. Acesso em: 21 fevereiro 2018.

HORÁCIO, [s. d.]. Q. Horati Flacci Carminvm Liber Tertivs. **The Classics Page**. Disponível em: <http://www.thelatinlibrary.com/hor.html>. Acesso em: 20 fevereiro 2018.

HOUAISS, A. & M. S. VILLAR, 2009. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**: 1. ed. Objetiva, Rio de Janeiro.

HOUTZAGER, G., 2004. **L'univers de la mythologie grecque**. Ed. Gründ, Paris.

HYAM, R. & R. PANKHURST, 1995. **Plants and their names**: a concise dictionary. Oxford University Press, Oxford.

IBERFAUNA, 2008. Genus *Malachiomimus.* Champion, 1921. In: **Iberfauna**. El Banco de Datos de la Fauna Ibérica. Museo Nacional de Ciencias Naturales (CSIC), Madrid. Disponível em: <http://iberfauna.mncn.csic.es/showficha.aspx?rank=T&idtax=55186>. Acesso em: 24 julho 2017.

INTEGRATED TAXONOMIC INFORMATION SYSTEM (ITIS), 2011. *Cicada* Linnaeus, 1758. **ITIS Report**. Disponível em: <https://www.itis.gov/servlet/SingleRpt/SingleRpt?search_topic=TSN&search_value=846692#null/>. Acesso em: 15 julho 2017.

INTEGRATED TAXONOMIC INFORMATION SYSTEM (ITIS), 2017. *Apis mellifera* Linnaeus, 1758. **ITIS Report**. Disponível em: <https://www.itis.gov/servlet/SingleRpt/SingleRpt?search_topic=TSN&search_value=154396#null>. Acesso em: 5 agosto 2017.

JAEGER, E. C., 1955. **A source-book of biological names and terms**: 3. ed. Charles C. Thomas, Springfield.

JOBLING, J. A., 2010. **The Helm dictionary of scientific bird names**. From aalge to zusii. Christopher Helm, London.

JOHNSGARD, P. A., 1983. **Cranes of the world**: 8. Cranes in myth and legend. Universidade de Nebraska-Lincoln, Lincoln. Disponível em: <https://digitalcommons.unl.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1011&context=bioscicranes>. Acesso em: 20 fevereiro 2018.

KACZENSKY, P., B. LKHAGVASUREN, O. PERELADOVA, M.-R. HEMAMI & A. BOUSKILA, 2015. *Equus hemionus*. **The IUCN Red List of Threatened Species** e.T7951A45171204. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2015-4.RLTS.T7951A45171204.en>. Acesso em: 9 julho 2017.

KENNY, L., K. WENZELL & D. JEROME, 2017. *Quercus prinoides*. **The IUCN Red List of Threatened Species** e.T33897A111279762. Disponível em: <http://www.iucnredlist.org/details/33897/0>. Acesso em: 30 março 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2017-2.RLTS.T33897A111279762.en>.

LANTSOV, V. I., 2015. A new species of the genus *Geranomyia* Haliday, 1833 (Diptera: Limoniidae) from Transcaucasia. **Caucasian Entomological Bulletin** 11(2): 411-414.

LAWRENCE, E., 2008. **Henderson's dictionary of biology**: 14. ed. Pearson Education Ltd., Harlow.

LAZENBY, F. D., 1949. Greek and Roman household pets. **The Classical Journal** 44(4): 245-252.

LEPAGE, D., 2018. *Geranoaetus melanoleucus*. **Avibase**. Disponível em: <https://avibase.bsc-eoc.org/species.jsp?avibaseid=51405606DCBA4A00>. Acesso em: 28 de março 2018.

LIDDELL, H. G. & R. SCOTT, 1996. **A greek-english lexicon**. Clarendon Press, Oxford.

LÖBL, I. & A. SMETANA (Ed.), 2011. **Catalogue of Palearctic coleopteran**: v. 7: Curculionidae. Apollo Books, Stenstrup.

LONSDALE, S. H., 1979. Attitudes towards animals in ancient Greece. **Greece & Rome** 26(2): 146-159.

MACHADO, J. P., 1987. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**: 5 v. Livros Horizonte, Lisboa.

MORFORD, M. P. & R. J. LENARDON, 2003. **Classical mythology**: 7. ed. Oxford University Press, New York.

NATURESERVE, 2013. *Percina caprodes*. **The IUCN Red List of Threatened Species** e.T202572A18231706. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2013-1.RLTS.T202572A18231706.en>. Acesso em: 11 agosto 2017.

NEWELL, R. H., 1845. **The zoology of the English poets**. Longman, Brown, Green, & Longmans, London.

OVÍDIO, [s. d.]. P. Ovidivs Naso (43 B.C.-17 A.D.). Ars Amatoria, Fasti, Heroides, Metamorphoses. **The Classics Page**. Disponível em: <http://www.thelatinlibrary.com/ovid.html>. Acesso em: 23 fevereiro 2018.

PETERSON, A. P., 1999. *Luscinia megarhynchos*. **ITIS Standard Report Page**. Disponível em: <https://www.itis.gov/servlet/SingleRpt/SingleRpt?search>. Acesso em: 12 julho 2017.

PLÍNIO, 1906. **Naturalis Historia**. Karl Friedrich Theodor Mayhoff. Lipsiae. Teubner. Disponível em: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus:text:1999.02.0138>. Acesso em: 20 fevereiro 2018.

POLISUK, J. & S. GOLDFELD, 1988. **Pequeno dicionário de termos médicos**: 3. ed. Livraria Atheneu, Rio de Janeiro.

QUATTROCCHI, U., 2000. **CRC world dictionary of plant names**: common names, scientific names, eponyms, synonyms, and etymology: v. 1-2. CRC Press, Boca Raton.

ROMAN, L. & M. ROMAN, 2010. **Encyclopedia of greek and roman mythology**. Facts on File, New York.

ROSEN, R. M., 1990. Poetry and sailing in Hesiod's works and days. **Classical Antiquity** 9(1): 99-113. DOI: <http://dx.doi.org/10.2307/25010922>.

SAMA, G., 2004. *Prinobius myardi* Mulsant, 1842. **Fauna Europaea database**. Disponível em< https://fauna-eu.org/cdm_dataportal/search/results/taxon?ws=portal%2Ftaxon%2Ffind&query=Prinobius+myardi+&form_build_id=form-zrmca0hSBuWYMNNtB6Lwd8ynCVczYz4eWI1SG18dfMU&form_id=cdm_dataportal_search_taxon_form&search%5BdoTaxaByCommonNames%5D=&search%5BdoSynonyms%5D=&search%5BdoTaxa%5D=1&search%5BpageSize%5D=25&search%5BpageNumber%5D=0>. Acesso em: 12 novembro 2016.

SARAIVA, F. R. S., 1993. **Novíssimo dicionário latino-português**: etimológico, prosódico, histórico, geográfico, mitológico, biográfico, etc.: 10. ed. Livraria Garnier, Rio de Janeiro.

SAVAGE, J. M., 2002. **The amphibians and reptiles of Costa Rica**: a herpetofauna between two continents, between two seas. The University of Chicago Press, Chicago.

SCHMIDT, J., 2000. **Dictionnaire de la mythologie grecque et romaine**. Larousse, Paris.

STEARN, W. T., 1992. **Stearn's dictionary of plant names for gardeners**. Cassell Publishers Limited, London.

STEDMAN, T. L., 1979. **Stedman - Dicionário médico ilustrado**: 23. ed. Ed. Guanabara Koogan, Rio de Janeiro.

TAYLOR, R. B., 2017. **The amazing language of medicine**: understanding medical terms and their backstories. Springer, Oregon.

TEOFRASTO, 1916. **Enquiry into plants and minor works on odours and weather signs**. Historia Plantarum. W. Heinemann, London. Disponível em: <https://archive.org/details/enquiryintoplant01theouoft>. Acesso em: 20 fevereiro 2018.

TEOFRASTO, 1926. **De Signis**. Loeb Classical Library. Disponível em: <http://penelope.uchicago.edu/Thayer/H/Roman/Texts/Theophrastus/De_signis*.html>. Acesso em: 21 fevereiro 2018.

THAXTER, R., 1915. New Indo-Malayan Laboulbeniales. **Proceedings of the American Academy of Arts and Sciences** 51(1): 3-51.

THEIL, N. & H. HALLEZ-D'ARROS, 1841. **Dictionnaire complet d'Homére et des homérides**. Hachette, Paris.

THISELTON-DYER, T. F., 1889. **The folk-lore of plants**. Chatto & Windus, Piccadilly, London.

TOTELIN, L., 2015. When foods become remedies in ancient Greece: the curious case of garlic and other substances. **Journal of Ethnopharmacology** 167: 30-37. DOI: <http://dx.doi.org/10.1016/j.jep.2014.08.018>.

VIRGÍLIO, [s. d.]. P. Vergilivs Maro (70-19 B.C.). Aeneid, Eclogues, Georgicon. **The Classics Page**. Disponível em: <http://www.thelatinlibrary.com/verg.html>. Acesso em: 21 fevereiro 2018.

VOULTSIADOU, E. & A. TATOLAS, 2005. The fauna of Greece and adjacent areas in the age of Homer: evidence from the first written documents of Greek literature. **Journal of Biogeography** 32(11): 1875-1882. DOI: <http://dx.doi.org/10.1111/j.1365-2699.2005.01335.x>.

WILLIAMS, T. R., 2005. **A dictionary of the roots and combining forms of scientific words**. Squirrox Press, England.

YAMASAKI, T. & G. B. EDWARDS, 2013. The genus *Myrmarachne* (Araneae, Salticidae) in Flores, Indonesia. **Zookeys** (299): 1-20. DOI: <http://dx.doi.org/10.3897/zookeys.299.4970>.

YILMAZ, H., Ü. AKKEMIK & S. KARAGÖZ, 2013. Identification of plant figures on stone statues and sarcophaguses and their symbols: the hellenistic and roman periods of the eastern mediterranean basin in the Istanbul Archaeology Museum. **Mediterranean Archaeology and Archaeometry** 13(2): 135-145.

YONG, S. & D. E. PEREZ-GELABERT, 2014. Grasshopers, crickets and katydids (Insecta: Orthoptera) of Cuba: an annotated checklist. **Zootaxa** 3827(4): 401-438. DOI: <http://dx.doi.org/10.11646/zootaxa.3827.4.1>.